

# NA FUGA, UMA ESPERANÇA DE LIBERDADE: ESCRAVOS FUGITIVOS NA ALAGOAS PROVINCIAL

WELLINGTON JOSÉ GOMES DA SILVA \*

GIAN CARLO DE MELO SILVA \*\*

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo mostrar alguns traços da escravidão em Alagoas durante o segundo reinado. Em nossa análise, usamos como fontes os anúncios de jornal que notificavam as fugas de escravos ocorridas na década de 1870, em que identificamos as estratégias desenvolvidas para fugir. A fuga foi uma das reações mais frequentes durante o período e Alagoas foi uma localidade marcada pela ação dos fugitivos. Algumas dessas fugas nos revelam uma diversidade, pois, apesar de habitual, essa iniciativa apresentou contornos variados, em que a compreensão do ambiente onde estavam inseridos foi aspecto fundamental para o seu sucesso. A compreensão fornecida pelos escritos de E.P. Thompsom serve de viés analítico para compreendermos os cativos de Alagoas como agentes históricos, donos de suas ações e que exerceram papéis cruciais para o cotidiano escravista na Alagoas provincial.

**Palavras-chave:** Fuga; Escravidão; Alagoas

**Abstract:** The present article aims to show some traces of slavery in Alagoas during the second reign. In our analysis we used as sources the newspaper ads with the escapes of slaves occurred in the 1870s, where we identified the strategies developed to escape. The flight was one of the most frequent reactions during the period and Alagoas was a locality marked by the action of the fugitives. Some of these fugues reveal a diversity, because, although habitual, this initiative presented varied contours, where the understanding of the environment in which they were inserted was fundamental aspect for its success. The understanding provided by E.P. Thompson's writings serves as an analytical bias for understanding the captives of Alagoas as historical agents, owners of their actions, and who have played crucial roles in the daily slavery in the provincial Alagoas.

**Keywords:** Escape; Slavery; Alagoas

---

*Artigo recebido em 21 de novembro de 2016 e aprovado para publicação em 30 de novembro de 2016*

\* Discente do Mestrado em História da Universidade Federal de Alagoas – UFAL. E-mail: [welligton.esoj@hotmail.com](mailto:welligton.esoj@hotmail.com)

\*\* Docente dos cursos de Graduação e Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Alagoas – UFAL. E-mail: [profgianufal@gmail.com](mailto:profgianufal@gmail.com)

Fugir foi uma alternativa encontrada por muitos escravos como uma forma de conquistar sua liberdade, mesmo que esta não fosse exercida plenamente. Fugas aconteceram em todos os ambientes que tiveram a peja do trabalho escravo. Seja na cidade ou no campo, escravos usaram deste método como uma tentativa de ruptura imediata com o cativo, mas a fuga não lhes garantia a segurança dos meios legais de liberdade, sendo um meio precário e ladeado pelo medo da captura.

A fuga, para o escravo, nem sempre logrou êxito, mas contra o regime escravocrata teve papel fundamental. Funcionou como uma reação concreta ao cativo, minando o sistema diariamente. Senhores a consideravam uma afronta à sua autoridade, pois tal ação poderia, no mínimo, sugerir alguma fraqueza em seu comando para com os escravos. É difícil mensurar a fuga em quantidade, porém, essa alternativa podia ser repetida várias vezes pelo mesmo escravo, como destacou Reis<sup>1</sup>, seja em pequenos sumiços ou em busca por locais mais distantes. Em ambas as possibilidades, os riscos eram de conhecimento de todos os envolvidos. Estes homens e mulheres possuíam características diversas. Os fugitivos eram crioulos, pardos, fulos, mulatos, jovens, velhos. Não houve distinção entre os escravos, quando o assunto era fuga.

Os escravos que a colocaram em prática nem sempre a usaram como fuga definitiva, mas como um meio de escapar temporariamente. Algumas fugas tiveram como finalidade rever antigos familiares apartados em vendas anteriores, ou ainda os negros de ganho, que buscavam em outras localidades a oportunidade de acumular algum pecúlio extra, aumentar o seu percurso nos dias de trabalho. Tais situações são chamadas de fugas temporárias ou costumeiras. Conforme Juliana Farias,

[...] talvez proprietários de cativos nas cidades percebessem algumas fugas como temporárias, ou seja, “costumeiras”, e aguardassem assim um eventual retorno dos seus cativos. [...] Muitos escravos fugiam para reunirem-se em festas e/ou “ajuntamentos”, e outros ainda, como os *escravos ao ganho*, tentavam conseguir “trocados” extras para seus negócios e sobrevivência. [...] Não poucos fugiam para visitar “parentes”<sup>2</sup>.

Na busca pela liberdade ilegal, os fugitivos com a real intenção de se livrar do cativo tinham algumas opções como destino. Entre as opções, havia fugas para área rural ou mudança

<sup>1</sup> REIS, João José & SILVA, Eduardo. *Negociação e Conflito: A resistência escrava no Brasil escravista*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 65.

<sup>2</sup> FARIAS, Juliana Barreto; Carlos Eduardo Moreira; [Flávio Gomes](#); Carlos Eugênio Líbano Soares. *Cidades negras: africanos, crioulos e espaços urbanos no Brasil escravista do século XIX*. 2ª.ed. São Paulo: Alameda, 2006. pp. 28-29.

para outra província, tentar alcançar os quilombos urbanos ou mesmo se passar por libertos em locais que lhes oferecessem essa oportunidade. Nos arredores das cidades, os ajuntamentos de escravos serviram como atrativo para esses fugitivos. Províncias como Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Minas Gerais sofreram com a proliferação destes quilombos próximos dos núcleos urbanos<sup>3</sup>.

A fuga para locais mais afastados dos senhores poderia render maiores frutos. Porém, ocorrendo o rompimento dos seus laços de solidariedade<sup>4</sup> já construídos na localidade em que vivia o cativo, ao tentar se passar por alforriado, outras ações deveriam ser colocadas em prática para garantir o sucesso da empreitada. Entre as estratégias para concretizar sua fuga, o cativo realizava a troca de nome e buscava o uso de uma boa vestimenta para tentar disfarçar sua condição. Os que decidiam ir para os quilombos formados às margens das cidades sabiam da existência de relações de comércio e sociabilidade entre os aquilombados e as localidades próximas. Foi dessa forma que muitos quilombos conseguiram sua manutenção. Tais relações foram construídas dentro de um *campo negro*, uma complexa rede que envolvia vários setores da população livre e escrava. Sobre os contatos e as redes, Flávio dos Santos Gomes e João José Reis comentam que:

[...] esses contatos acabaram por constituir a base de uma teia maior de interesses e relações sociais diversas, da qual os quilombolas souberam tirar proveito fundamental para aumentar a manutenção de sua autonomia. Aí foi gestado um genuíno campo negro. Essa rede complexa de relações adquiriu lógica própria, na qual se entrecruzavam interesses, solidariedades tensões e conflitos<sup>5</sup>.

Os espaços e relações de solidariedade eram extremamente importantes no cotidiano da escravidão. Tais afinidades poderiam ajudar no objetivo de amenizar a vivência do cativo. Entre essas relações, o apadrinhamento foi um dos mecanismos que serviu na construção desses laços. Uma fuga nunca era uma ação individual. Seu sucesso dependia de muitos fatores. Após fugir, a ajuda de algum companheiro, fosse ele cativo, liberto ou livre, poderia contribuir para a concretização de seu intento.

<sup>3</sup> Sobre os quilombos no Brasil ver: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. (Org.) *Liberdade por um fio: história dos quilombolas no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

<sup>4</sup> De acordo com Marcus Carvalho, os laços de solidariedade era um instrumento extremamente importante na luta contra o cativo. Essa relação poderia ser desenvolvida a partir de sentimentos de etnia, raça ou classe na qual os cativos se ajudavam mutuamente. CARVALHO, Marcus J. M. de. *Liberdade: rotinas e rupturas do escravismo no Recife, 1822-1850*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010. pp. 237-238.

<sup>5</sup> REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. (Org.) *Liberdade por um fio: história dos quilombolas no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 278.

Ao tratarmos das fugas em Alagoas, veremos sua relação com a liberdade proporcionada pelo fundo de emancipação, mecanismo criado na segunda metade do século XIX que favoreceu a alforria de alguns escravos. No entanto, conseguir alforria pelo fundo de emancipação não era algo fácil, pois, a fuga era um dos critérios que excluía os escravos de conquistar sua liberdade através das vias legais<sup>6</sup>.

Vejamos as características das Alagoas...

### As fugas na Alagoas oitocentista

Para a província alagoana, as peculiaridades da escravidão estiveram presentes no cotidiano a partir de várias situações envolvendo homens e mulheres escravizados. Podemos verificar os casos das fugas individuais ou conjuntas que poderiam representar um dano à propriedade senhorial. Outra situação era vista na sedução de escravo por pessoas interessadas em iludir o cativo, fazendo falsas promessas com o ensejo de venda, ou ainda na tentativa de se passar por liberto, situação vivenciada nos espaços rurais e urbanos, que fazia parte do leque de possibilidades usadas pelo escravo. Essas e tantas outras características foram encontradas nos espaços da Alagoas durante o segundo reinado. Tais informações sobre a escravidão podem ser vistas nos jornais do século XIX, fonte que nos mostra situações de negócios envolvendo a força de trabalho cativa por meio dos anúncios de compra, venda e aluguel. Por outro lado, nos apresenta situações como as descritas anteriormente, algo que nos fornece uma possibilidade para conhecermos um pouco do ambiente escravocrata alagoano.

Através dos anúncios extraídos do jornal *O liberal*<sup>7</sup> do final da década de 1870 podemos encontrar alguns casos de fugas de cativos que envolveram várias estratégias e se fizeram presentes em alguns espaços geográficos que abarcam a Província de Alagoas. Em tais lugares, podemos observar os escravos agindo conforme suas necessidades e aspirações do dia a dia. Como afirmam Reis e Silva:

[...]na escravidão nunca se vivia uma paz verdadeira, cotidiano significava uma espécie de guerra não convencional. Nessa guerra tanto escravos quanto senhores buscavam ocupar posições de força a partir das quais pudessem ganhar com mais facilidade suas pequenas batalhas [...] Por isso os escravos tiveram de enfrentá-los

<sup>6</sup> A liberdade legal através do fundo de emancipação de escravos foi outro aspecto abordado na pesquisa monográfica. SILVA, W. J. G. da. *A busca de um novo destino: Os escravos e a conquista da liberdade na Alagoas provincial 1878-1880*. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2015.p.30.

<sup>7</sup> Jornal de objetivos liberais, tendo à frente o futuro visconde de Sinimbu. O jornal surgiu em abril de 1869 e perdurou até 1884, quando suspendeu suas publicações. Sobre a imprensa em Alagoas, ver: SANT’ANA, Moacir Medeiros de. *História da imprensa em Alagoas (1831-1981)*. Maceió. Arquivo Público de Alagoas, 1987.

com inteligência e criatividade. Eles desenvolveram uma fina malícia pessoal, uma desconcertante ousadia cultural, uma visão de mundo aberta ao novo<sup>8</sup>.

Quanto à observação desses autores sobre a construção de espaços sociais e de formação de uma inserção diária dos escravos, podemos observar como tal cotidiano propiciou a construção do conhecimento sobre a escravidão e as brechas que poderiam ser encontradas. Tal situação é observada por Michel de Certeau, quando destaca que o conhecimento é formulado diariamente, desde ações simples e corriqueiras. No caso da escravidão, as resistências diárias, como a sabotagem na produção de açúcar ou mesmo do canavial, passando pela fuga, poderiam ser cruciais para mudanças no sistema em favor dos escravos. A essa formação diária, vemos a tática, sendo desenvolvida no campo do “inimigo”, com seus movimentos realizados em situações oportunas<sup>9</sup>. Sendo assim, a interpretação e conhecimento do ambiente em que estavam inseridos foi essencial para que os cativos pudessem agir com maior segurança.

Foram identificadas vinte e duas fugas em que os homens eram a maioria dos fugitivos, no total de 15. Tal aspecto foi encontrado ao analisarmos as liberdades conquistadas pelo fundo de emancipação de escravos no ano de 1880<sup>10</sup>. Voltando ao perfil dos fugitivos, identificamos que muitos se encontravam em idade produtiva, sendo muito rentáveis aos seus senhores, fator que poderia dificultar o acesso desses escravos à alforria pela compra e/ou concessão do senhor. Com isso, o horizonte deixava a fuga como meio mais viável para um acesso rápido à liberdade, mesmo que essa não pudesse ser vivida plenamente e fosse cercada de perigos.

Talvez, entre os homens, a relação com a fuga pudesse ser mais intensa. Avaliando que muitos trabalhavam longe dos senhores e se dedicavam a tarefa braçal, fosse nas lavouras ou nos portos, essa distância poderia favorecer a fuga do cativo. No caso das mulheres, as lavadeiras, escravas de ganho, quitandeiras e tantas outras que realizavam serviços fora da casa também estiveram distantes dos olhares vigilantes e foram fugitivas em potencial, como lembra Farias:

os escravos que trabalhavam no ambiente das ruas, como ganhadores e vendedores, por exemplo, eram tidos como mais capazes de dar conta do desafio da fuga. [...] As quitandeiras, exímias conhecedoras do labirinto urbano, eram potenciais fugitivas, com grande capacidade de deixar seus senhores no prejuízo<sup>11</sup>.

<sup>8</sup> REIS & SILVA, *op. cit.*, pp. 32-33.

<sup>9</sup> CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano 1: As artes de fazer*. Petrópolis: Vozes. 2005. p. 94.

<sup>10</sup> Sobre os escravos e o fundo de emancipação, vimos que os homens também foram maioria entre os libertos. SILVA, *op. cit.*, p.33.

<sup>11</sup> FARIAS, *op. cit.*, p. 38.

Apesar de serem fugitivas em potencial. As mulheres poderiam ter maiores dificuldades na decisão da fuga, em especial quando tivessem filhos. Tal situação não impedia por completo as possibilidades de fugir, como observamos no caso da escrava Faustina<sup>12</sup>, que fugiu com sua filha Balbina, de 12 anos. Porém, uma fuga que envolvia várias pessoas tinha que contar com mais mecanismos acionados para garantir seu sucesso. Faustina, por exemplo, pode ter contado com a colaboração de sua antiga proprietária, pois, segundo seu dono, as escravas estavam acoitadas por ela. Nesse caso, podemos observar dois aspectos importantes que poderiam ocorrer em meio à escravidão: o acoitamento e o retorno a um antigo senhor.

### **Acoitamento e retorno ao antigo senhor**

Buscar o acoitamento como uma forma de ajuda no momento da fuga foi uma prática corriqueira em todo o Império. Relacionado inicialmente como roubo, senhores com menos recurso poderiam usar deste método para conseguir escravos. Porém, as relações de acoitamento envolviam interesses pessoais e nem sempre estava relacionada à solidariedade, algo que não era impeditivo de fornecer vantagens mútuas. Por um lado, ao fugir e conseguir abrigo, o escravo podia conseguir algum acordo em seu favor, uma pessoa que pudesse intervir em seu nome, melhorando sua existência dentro da escravidão ou alcançando a sua liberdade legalmente. Sobre tal ação Marcus Carvalho argumenta que:

o “acoitamento” do cativo não se dava por solidariedade pura e simples. A razão maior dessa putativa proteção era o interesse de alguém em explorar a mão de obra do sujeito acoitado. [...] Não é uma fuga para se tornar um quilombola, ou um fugitivo a mais fingindo-se de forro pelas ruas, mas a busca por um senhor menos despótico e/ou disposto a respeitar alguns direitos que o fugitivo acreditava ter adquirido ou pensava em adquirir<sup>13</sup>.

O acoitamento não pode ser reduzido a uma iniciativa apenas do “sedutor”. Vários escravos foram participativos neste momento. Embarcaram nessa aventura em busca de amenizar sua condição. Afinal, um senhor menos autoritário seria a chance de desfrutar de um cativo mais brando, se é que isso era possível. Talvez tenha sido essa a intenção de Faustina e Balbina ao retornarem para casa de Thereza da Silveira Rêgo, sua antiga senhora, algo que não sabemos e que fica entre as possibilidades da interpretação histórica.

<sup>12</sup> *O Liberal*, ed. 152 julho de 1878.

<sup>13</sup> CARVALHO, op. cit., pp. 281-282.

Alguns escravos chegaram a reivindicar direitos que achavam possuir com o passar do tempo, provenientes de algum espaço de mobilidade que conquistaram e aos quais os senhores cederam para que sua autoridade não fosse colocada em risco<sup>14</sup>. As conquistas de espaços de inserção e autonomia, por menores que fossem em meio à escravidão, teriam que ser não só defendidas como reproduzidas. Foram costumes que se transformaram em direitos, em especial para os cativos que conseguiam exercer seu poder no cotidiano da escravidão.

Uma conquista significativa ocorreu após o ano de 1871. Um exemplo disso foi a Justiça do Rio de Janeiro, que se tornou um campo de conflito entre escravos e senhores, quando começou a emergir nos tribunais mulheres cativas procurando sua alforria sob a alegação de que eram obrigadas a trabalhar como prostitutas<sup>15</sup>, prática ilegal estabelecida em conjunto com a lei do Ventre Livre. Essa busca pela justiça pode mostrar como a consciência do que seria um cativo justo<sup>16</sup> incentivou muitos escravos a entrar com ações visando a busca de liberdade para fugir de senhores violentos, intransigentes e que violavam seus direitos. Contudo, mesmo com alguns direitos, o escravo teria que ser representado no tribunal, pois continuava sem nenhuma representação legal.

Fugir foi um misto de desejos. Juntos estavam a conquista de espaços e a tentativa de um cativo mais justo. Talvez tenham sido esses fatores que levaram alguns escravos a retornarem à casa dos seus antigos senhores. Os anúncios indicam que, após serem vendidos, esses escravos fugiram. Provavelmente não se adaptaram, seja ao novo senhor ou ao trabalho, e, visando livrar-se de uma negociação que os levaram a um cativo mais severo, fugiram com destino ao antigo proprietário. No caso de Custódio<sup>17</sup>, suspeitava-se que seu destino tenha sido Maceió. O anúncio deixa claro que esse buscava um novo senhor. Provavelmente desejava mais que um novo dono, afinal, veio para a capital da província, espaço que poderia oferecer melhores oportunidades.

Outro caso de fuga que abordou diferentes aspectos da escravidão foi a de Lucrecia, que inicialmente foi seduzida por um homem chamado Scipião, uma característica comum no

---

<sup>14</sup> Segundo Eduardo Silva, a Brecha camponesa funcionava como um mecanismo de controle e manutenção senhorial, ao ceder um pedaço de terra aos escravos os senhores estariam os distraindo das mazelas da escravidão, essa atitude buscava manter o controle pela persuasão e não violência.

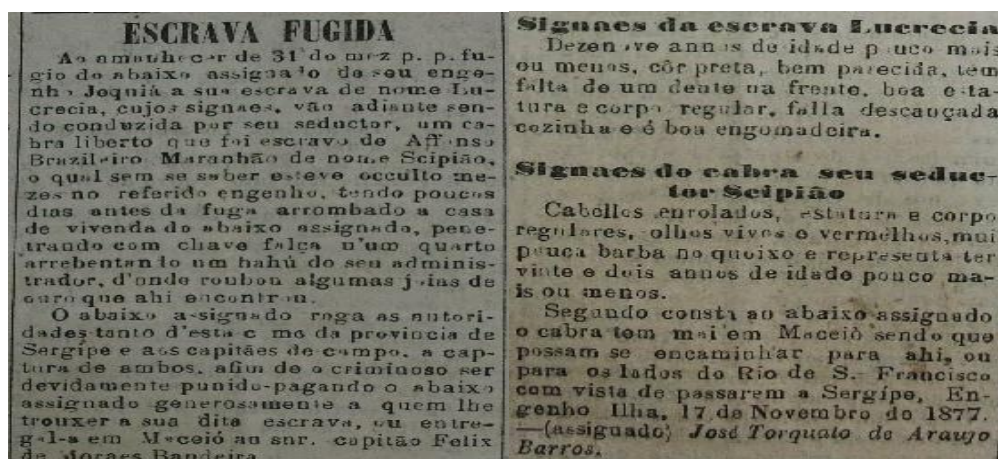
<sup>15</sup> CHALHOUB, Sidney. *Visões da Liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p.190.

<sup>16</sup> Chalhoub observa que a busca pelo cativo justo seria a tentativa dos cativos em se livrar dos trabalhos e castigos abusivos dos senhores, os escravos adquiriram suas percepções de justiça e moral as quais tentaram conquistar. *Idem*, pp. 78-82.

<sup>17</sup> *O liberal*, ed. 271, 16 de dezembro de 1878.

decorrer da escravidão. Como podemos ver no anúncio abaixo, feito no jornal *O Liberal* pelo proprietário de Lucrecia, o senhor do engenho Jequiá.

### Imagem 1: Anúncio de fuga da escrava Lucrecia



Fonte: Jornal *O liberal* 1878 (edição 102 – 25 de maio) APA - Arquivo Público de Alagoas.

Junto com Scipião, Lucrecia provavelmente seguiu rumo à província de Sergipe, onde seria mais fácil se passar por forra ou livre, ficando o mais longe possível de José Torquato, seu senhor. Sua fuga talvez tenha sido a única alternativa em busca da liberdade, o que na historiografia ficou conhecida como fuga-rompimento<sup>18</sup>, na qual o escravo rompe com todas as relações com seu senhor e com o mundo que a cerca para tentar viver como livre em outro lugar. O detalhe deste caso é que o sedutor esteve escondido no engenho do anunciante e, segundo informações do senhor, praticou o furto de alguns bens, algo que pode ter sido inserido falsamente como forma de aumentar as chances de busca por parte das autoridades. Afinal, não era então só um “sedutor” fugindo: era um homem perigoso que praticava furtos. É difícil imaginar qual era a relação entre Lucrecia e o liberto. Talvez esse tenha sido um caso em que a rede de solidariedade da escrava foi colocada em ação, ajudando ambos na fuga, no acoitamento

<sup>18</sup> J.J. Reis a descreve como uma tentativa de ruptura definitiva com a escravidão. Normalmente isso ocorre quando o escravo se encontra em um cativeiro severo, violento, ou quando um privilégio ou direito do cativo é retirado. REIS, João José & GOMES, Flávio dos Santos. (Org.) *Liberdade por um fio: história dos quilombolas no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. pp. 66-67.



dentro do engenho em nome de algo íntimo dos dois, o amor<sup>19</sup>, sentimento que ganhou contornos e significados na sociedade brasileira do século XIX.

Após a fuga, o único recurso dos senhores era contar com a captura do seu escravo através das autoridades policiais ou algum capitão do mato. A essa altura, nos finais da escravidão, após as leis de abolição do tráfico e do Ventre Livre, perder um escravo com ofício seria um prejuízo grande e talvez irrecuperável. Talvez tentando facilitar a captura, caso o cativo tentasse oferecer serviços, os anúncios identificam as ocupações na descrição dos fugitivos. Entre os homens fugitivos, Custódio era pedreiro e padeiro, José Tibúrcio<sup>20</sup>, cozinheiro e engomador, e Jeronymo, agricultor e carreiro. Entre as mulheres, Lucrecia tinha como profissão engomadeira e doméstica e Francisca<sup>21</sup> tinha como ocupação o tabuleiro. Esses escravos funcionavam como investimento. Poderiam ser ganhadores ou até mesmo alugados por seus senhores. Um sinônimo da importância desses cativos para o patrimônio dos seus senhores é a repetição dos seus anúncios de fuga nos jornais.

Sobre o valor dos escravos ganhadores, podemos salientar que vários senhores viviam às suas custas. O escravo de ganho era um investimento seguro. Sem dúvidas não faltaria trabalho para um bom escravo com ofício. Já no campo, as fugas atingiram diretamente alguns senhores de engenho. Nem todos possuíam escravos em quantidade numerosa. Muitos engenhos funcionavam com menos de vinte escravos. Moacir Medeiros de Sant'Ana faz referência a alguns desses engenhos, como o Engenho Liberal, contando com quinze escravos, ou o Mato Grosso, com dez cativos<sup>22</sup>. Eram planteis pequenos e, caso fugissem, atingiriam significativamente o processo produtivo desempenhado na localidade.

Nos anúncios, além da constante repetição das fugas, outra característica importante foi a riqueza de detalhes com a qual os cativos foram anunciados, sendo possível identificar ofícios, características físicas e roupas, talvez uma forma de facilitar sua identificação e captura. Contudo, uma observação feita por Diégues Junior é salutar, pois chama atenção para quantidade de escravos anunciados com ferimentos e doenças, constatação que pode ter sido sinal da perversidade de alguns senhores. O autor relata que:

Os anúncios de jornais do século passado apontam um mundo de escravos com sinais de doença, outros aleijados; [...] Tipos de escravos doentes passam através de

<sup>19</sup> Sobre o assunto ver: PRIORE, Mary del. *História do Amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2005.

<sup>20</sup> *O liberal*, ed. 98, 21 de maio de 1878.

<sup>21</sup> *O liberal*, ed. 197, 19 de setembro 1878.

<sup>22</sup> SANT'ANA, Moacir Medeiros de. *Contribuição à história do açúcar em Alagoas*. Recife: Instituto do açúcar e álcool e museu do açúcar 1970. p. 151.

anúncios de jornais do século XIX, num desfile constante. [...] Afora os casos de doenças encontram-se em anúncios de jornais [...] casos de defeitos físicos<sup>23</sup>.

Partindo dos aspectos levantados por Diégues, foi possível notar a presença de escravos com tais características. No ano de 1878, os anúncios revelam escravos com deficiências. São eles o escravo Tertuliano<sup>24</sup>, identificado como aleijado por conta do pé torto, e os escravos Claudio<sup>25</sup> e Manoel, que tiveram alguns dedos das mãos decepados. No caso de ambos, a deficiência pode ser consequência do trabalho exercido ou de algum castigo.

### Individuais ou coletivas

Outra característica das fugas faz referência às formas que ocorreram. Elas podem ser classificadas como fugas individuais ou conjuntas, acarretando ainda mais prejuízos para os senhores e requisitando maior organização por parte dos escravos. Em Alagoas, existiram alguns casos de fugas coletivas. Um deles é o da escravaria de Manoel Machado, que foi ao jornal anunciar a fuga de quatro escravos<sup>26</sup>. Uma fuga desse nível pode revelar características interessantes: inicialmente um planejamento já desenvolvido pelos escravos, colocado em prática no momento mais oportuno – véspera de dia santo –, que, em seguida, representava um duro golpe à vida financeira do senhor. Talvez as atividades dos fugitivos fossem essencial para o pecúlio de seu dono.

Individualmente os escravos se aproveitaram de alguns espaços dentro do sistema. No caso dos trabalhadores de *portas a fora*<sup>27</sup>; como as lavadeiras, quitandeiras e ganhadores, sua mobilidade representava um rompimento na vigilância feita pelos membros da casa<sup>28</sup>, uma chance de ficar longe do seu senhor cotidianamente. Nesse contexto, podemos ver como foi o caso de Francisca, que aproveitou seu trabalho como ganhadora para sumir e mudar de nome ao se apresentar como liberta após a fuga. Sua habilidade em se esconder pode ser percebida ao verificarmos que faziam mais de seis meses que andava fugida. Seu senhor buscou os anúncios para tentar recuperar sua propriedade. Diz o jornal que:

<sup>23</sup> DIEGUES JUNIOR, Manuel. *O banguê nas Alagoas: traços da influência do sistema econômico do engenho de açúcar na vida e na cultura regional*. 3ª. ed. Maceió: EDUFAL, 2006. pp. 178-180.

<sup>24</sup> *O liberal*, ed. 119, 15 de junho de 1878.

<sup>25</sup> *O liberal*, ed. 143, 28 de junho de 1878.

<sup>26</sup> *O liberal*, ed. 216, 11 de outubro de 1878.

<sup>27</sup> Nomenclatura designada aos escravos que realizavam serviços na rua.

<sup>28</sup> COSTA, Robson. *Vozes na Senzala: Cotidiano e resistência nas últimas décadas da escravidão, Olinda, 1871-1888*. Recife: ed. Universitária da UFPE, 2008. p. 94.

Em novembro de 1877 fugiu sua escrava Francisca crioula. Com os sinais seguintes: 40 anos mais ou menos, cor fula, alta, seca, espigada, olhos um pouco grandes, com todos os dentes limados, mas não despontados, ficarão redondos. Ocupava-se em taboleiro e está passando por liberta. Foi encontrada em Mata Grande e Trombeta. Promete o abaixo assinado a pessoa que quiser procurar a dita escrava por aqueles lugares, gratificar, podendo conduzi-la para esta cidade. É de supor que ela esteja de nome mudado. Manoel Casemiro<sup>29</sup>.

Os cativos, mesmo com poucos dias de compra, se articulavam. Talvez um conhecimento prévio tenha sido o mecanismo facilitador da fuga de Azarias e João<sup>30</sup>, anunciados como fugitivos apenas vinte dias após sua compra. Ambos sumiram, deixando no prejuízo o seu senhor. Em sua companhia, João ainda levou sua mãe, liberta que morava na localidade e cujo nome não sabemos. Os três eram residentes em Quebrangulo, uma região localizada na zona da mata alagoana. Tal fuga não foi apenas de Azarias e João, mas de uma família para longe do cativo – uma medida extrema que significava impedimento para o fundo de emancipação, que deixava de fora os cativos que tinham incorrido em crimes. Assim, Azarias e João estariam impedidos de serem alforriados pelo fundo de emancipação.

As estratégias após a fuga foram variadas, mas vamos observar duas delas: o retorno ao seu local de origem e a tentativa de se passar por liberto. Os fugitivos Romão<sup>31</sup> e Manoel buscavam o retorno para seu local de origem, respectivamente, Penedo e Anadia. Essa informação nos mostra que ambos tinham sido vendidos e que foram levados para longe dos laços formados na escravaria em que moravam. Tentando se passar por libertos estiveram a escrava Francisca, já mencionada, e o escravo Jeronymo<sup>32</sup>. Seu anúncio demonstra todo o seu conhecimento da cidade, ao se movimentar por diferentes locais da província, podendo ser encontrado desde São Miguel, local de engenhos, até a região do Tabuleiro de Alagoas, mais próxima ao núcleo urbano. Não por menos foi classificado como ladino.

### **Quem eram os escravos fugidos?**

O perfil dos escravos que fugiram é diverso, pois os fugitivos não apresentaram uma faixa etária padrão e tinham idades entre 14 e 48 anos, com uma média de 29 anos. Na tentativa de observarmos melhor os escravos que fugiram montamos o quadro abaixo, que contém informações de idade, ofício, cor ou área de trabalho.

---

<sup>29</sup> *O liberal*, ed. 160, 6 de agosto de 1878.

<sup>30</sup> *O liberal*, ed. 205, 28 de setembro de 1878.

<sup>31</sup> *O liberal*, ed.143, 17 de julho de 1878.

<sup>32</sup> *O liberal*, ed.144, 18 de julho de 1878.

**Quadro 1: Perfil dos escravos fugitivos.**

Nome	Cor	Idade	Ofício	Características
Azaria	Preto	14/15	-	Moleque preto, cheio do corpo, idade de 14 p/ 15 anos, o qual tinha sido comprado no dia 7 do corrente ao senhor Manoel Rodrigues da Roza.
João	Preto	20/22	-	Preto, corpulento, idade de 20 a 22 anos, comprado também no dia 19 ao Sr. Paulo Jacinto Tenório, morador de Quebrângulo. Consta que levava em sua companhia sua mãe que é liberta.
Benedicto	Preto	26-27	-	Altura regular, mui pouca barba, preto, rosto, alguma coisa lustroso, destes limadas, boca e nariz muito grossos, arrasta os pés quando anda, muito humilde, fala grossa, idade de 26 para 27 anos, trajando calça de algodão azul claro e palito preto, conduzindo além de outros objetos seus dois chapéus de massa de couro.
Catharina	Pouco avermelhada	-	-	Bem disposta altura regular, cabeça chata, olhos grandes e redondos, cor um pouco avermelhada, grossa do corpo e bem disposta e é pertencente ao Sr. Francisco José da Silva.
Claudio	Preto	40-45	-	Preto, idade 40-45 estatura regular, olhos vivos e vermelho, pouca barba é canhoto e tem dedo indicador da mão esquerda cortado a segunda junta.
Custódio	-	≅35	Pedreiro, padeiro	Crioulo, estatura regular, grosso, pés grandes, trabalha um pouco de carapina, de pedreiro e também de padeiro, levando chapéu de chile ainda novo, camisa e ceroulas de algodão da terra e mais alguma outar roupa, em trouxa constante de camisa de chita, calça de ganga ou riscado.
Jeronymo	Preto	30-35	Carreiro	Preto, altura regular, corpulento, representando idade de 30 a 35 anos, faltando os dentes da frente, ladino, barbado, bom trabalhador de enxada, e carreiro.
Joaquim	Preto	≅38	-	Corpo e altura regulares, cor preta, barba cerrada, dentadura perfeita, idade de 38 anos mais ou menos e as maçãs do rosto saliente. Saiu de camisa e ceroula de algodão.
Lucio	Fula	16	-	16 anos, cor fula, cheio do corpo, com todos os dentes, cabelos acabocados, porem crespos ou carapinhos, pés grandes, tendo os dedos grandes um pouco salientes e quando assenta os pés abre os dedos e parece ter uma unha ou ambas falhadas. Quando saio levou o cabelo cortado que deve ainda estar baixo.
Francisca	Fula	≅40	Escrava de tabuleiro	40 mais ou menos, cor fula, alta, seca, espigada, olhos um pouco grandes, com todos os dentes limados, mas não despontados, ficarão redondos. Ocupava-se em tabuleiro e está passando por liberta.
Lucrecia	Preta	19	Cozinheira, engomadeira	Dezenove anos pouco mais ou menos, cor preta, bem parecida, tem falta de um dente na frente, boa estatura e corpo regular, fala descansada, cozinha e é boa engomadeira.
Manoel	-	≅22	-	Bem ladino, altura e corpo regulares, tendo três dedos da mão esquerda decepados pela falange do meio, sendo o mínimo anelar e o médio. Esse escravo pertenceu a Francisco Xavier morador de Anadia.
Maria	Crioula	48	-	Alta, magra, puxa de uma perna.

Pedro	-	23	-	Baixo robusto.
Francisco	Fulo	-	-	Fulo, alto, corpulento.
Joaquim	Crioulo	-	-	Crioulo, baixo, corpulento, sem dentes.
Romão	Crioulo	40	-	Apelidado de penedo, crioulo, de 40 anos de idade, altura regular, magro rosto descarnado. Olhos grandes, vermelhos e pés inchados.
Sebastiana	Parda	-	-	Parda, ainda moça, cabelos pichaim, dentes limados, e boca um pouco torta evadiu-se a 6 meses, seguramente sabe-se que vive amaziada na ponta grande foi escrava de D. Rosa de Mello.
Faustina / Balbina	Preta	-	-	Cor preta, moça bonita figura, levou em sua companhia uma filha de nome Balbina, de idade 12 anos bonita peça foram escravas de D. Luiza Thereza.
Tertuliano	-	24	-	Conhecido por Vergulino preto fulo idade de 24 anos, estatura baixa, corpulento, tendo um pé aleijado, isto e torto.
Tiburcio	Mulato p/ cabra	30	Cozinheiro, engomador	Estatura regular, corpo pouco menos que regular, mulato puxando a cabra, com pouca barba, rosto seco, dentes principiando a apodrecer na frente, tem fala fina e macia, cabelos um tanto carapinhos, mãos finas, pés chatos, com trinta anos de idade pouco mais ou menos, e cozinheiro e engomador. A roupa com que desapareceu foi: calça e camisa branca, contendo paletó de alpaca preta e botinas e chapéu de baeta cor de cinza e pequeno.

Fonte: Dados retirados do jornal *O Liberal* 1878. Arquivo Público de Alagoas – APA.

Quando se referia à idade, alguns senhores não conseguiram precisá-la. Vários não se preocupavam com as informações pessoais dos cativos, a não ser com a exigência de sua matrícula após 1871. Observamos alguns exemplos: Azarias 14-15, João 20-22, Claudio 40-45, Jeronymo 30-35, Custódio 35, mais ou menos. Entre os fugitivos mais velhos, podemos notar algumas características que, a nosso ver, são fatores importantes para sustentar uma fuga. Eles possuíam o conhecimento de um ofício, que poderia ser uma maneira de assegurar o lado financeiro da fuga pela possibilidade de realizar pequenos trabalhos enquanto fugiam. Por outro lado, os ladinos podiam usar do conhecimento do espaço geográfico e das redes de solidariedade para continuarem escondidos, como fizeram Jeronymo e Romão.

Uma alternativa de fuga envolvia a ação do escravo a partir da sua localidade e de sua capacidade de compreensão do seu ambiente. A iniciativa podia ocorrer em meio à influência econômica, social e política, como vemos no caso de Catharina. Sua fuga aconteceu em meio a uma disputa senhorial, na qual seu verdadeiro senhor, Francisco José da Silva, a entregou a José Lins Meira como forma de pagamento após dívidas contraídas com este. Com certeza, essa disputa entre senhores foi decisiva para a escrava escolher o momento de fuga. A descrição de sua fuga foi publicada:

Fugiu desta vila no dia 6 de agosto do corrente ano a escrava de nome Catharina e com os sinais seguintes: bem disposta, altura regular, cabeça chata, olhos grandes e redondos, cor um pouco avermelhada, grossa do corpo e bem disposta é pertencente ao senhor Francisco José da Silva morador nesta vila. Dita escrava acha-se embargada para pagamento de dívidas contraídas ao abaixo assinado como consta de letras firmadas e vencidas, e consta mais que a dita escrava pretenderá descer como retirante para povoação de Piranhas de acordo com o senhor. Pede-se as autoridades que a apreendam em deposito público até as averiguações necessárias. José Lins de Meira<sup>33</sup>.

A fuga de Catharina representa uma ação bem organizada. Ela soube aproveitar um momento de indecisão entre senhores para fugir. Iniciativas como essa podem ter acontecido frequentemente. Já em situações mais complexas, como nas disputas políticas provinciais, as oportunidades de fuga tornaram-se consideravelmente maiores. As desavenças de grandes proporções entre as elites locais retirava o foco dos escravos, funcionando como espaço de ação para a fuga do cativo.

Como sabemos, a instabilidade política foi marcante em diferentes províncias do Império, situação que influenciou boa parte da população. No caso dos escravos, os conflitos foram extremamente favoráveis para a fuga e motins. Províncias como Pernambuco e Pará revelaram essa dinâmica de ação escrava em meio à política conturbada. Vários escravos aproveitaram para se refugiar em quilombos, outros conseguiram passar muitos anos fugidos<sup>34</sup>.

Pernambuco foi uma das províncias que viveu vários períodos de instabilidade política ao longo dos oitocentos. Entre eles estiveram a Revolução Pernambucana (1817), a Confederação do Equador (1824) e a Praieira (1848), além de pequenos conflitos como a Setembrizada e a Novembrada. Todas essas sedições favoreceram a fuga dos cativos. Tratando-se dos conflitos da década de 1820, uma das consequências para Recife foi o fortalecimento do quilombo da floresta do Catucá. Para tal década Carvalho comenta que:

a cidade do Recife foi amordaçada durante essa década. [...] O fato mais importante desse período foi o apogeu do quilombo de Malunguinho, cuja vida e morte está intimamente ligada a história política e social de Pernambuco como um todo. Pode-se dizer que a expansão do quilombo é um dos resultados das brigas de branco entre 1817 e 1824, que abriram brechas no sistema, facilitando as fugas de escravos, inclusive urbanos<sup>35</sup>.

A Província paraense também sofreu com questões políticas. Durante a década de 1830, a Cabanagem modificou o controle sobre a escravidão, as fugas se transformaram em uma

<sup>33</sup> *O liberal*, ed. 186, 6 de setembro de 1878.

<sup>34</sup> BEZERRA NETO, José Maia. Ousados e insubordinados: protesto e fugas de escravos na província do Grão-Pará – 1840/1860. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 02, p. 73-112, 2001. pp. 73-74.

<sup>35</sup> CARVALHO, *op. cit.*, p. 55.

calamidade e os escravos mais uma vez tiraram proveito da situação. No Pará, as fugas tiveram um contexto diferente a partir de 1840. O refúgio foram os países vizinhos e não os quilombos. Após a abolição da escravidão pela França, a Guiana foi um dos principais destinos dos escravos brasileiros, indicando mais uma vez a capacidade de interpretação de um momento favorável para os escravos. Analisando as fugas no Pará, Neto lembra que

o movimento de fugas de escravos para a Guiana Francesa, [...] não somente ganhava novos contornos e significados como aumentava sua frequência nas décadas de 1840 e 1850, [...] acerca das expressas fugas de escravos em direção ao território da colônia francesa, no período posterior ao término da escravidão na mesma, indica-nos perfeitamente a leitura política feita pelos escravos, a partir do processo de intercâmbio de informações havido entre os dois lados da fronteira fazendo com que as próprias fugas adquirissem novos significados, embalados pela esperança da obtenção da liberdade em Caiena<sup>36</sup>.

Em Alagoas, também foram comuns ações de fuga que ocorreram a partir de uma situação atípica. Na década de 1870, a então região norte do Império passou por períodos de seca, gerando um forte movimento de migração. Os habitantes da região deixavam suas terras em busca de novas oportunidades e sobrevivência. Na mesma ou em outras províncias, o grande fluxo de retirantes acabou sendo favorável aos escravos. Alguns compreenderam que o processo de migração seria a possibilidade de escapar do cativeiro. Encontramos três registros de 1878 de escravos que tentaram se passar por retirantes e fugir da província. Chatarina, Lucio e Tiburcio foram exemplos de escravos cientes das mudanças que aconteciam a seu redor (Imagens 2 e 3). Nos anúncios, as cidades de Penedo e Piranhas, às margens do Rio São Francisco, se apresentam como destino dos escravos.

**Imagem 2: Fuga José Tiburcio**

**Imagem 3: Fuga de Lucio**

---

<sup>36</sup> NETO, *op. cit.*, pp. 87-88.

**ESCRAVO FUGIDO**

No dia 8 do corrente mez fugio desta villa o escravo de nome José Tiburcio, crioulo, estatura regular, corpo pouco menos que regular, mulato puchando a cabra, com pouca barba, rosto secco, dentes principiando á apodrecer na frente, tem fallia fina e macia, cabellos um tanto carapinhados, mãos finas, pés chatos, com trinta annos de idade pouco mais ou menos; é cozinheiro e engommador. A roupa com q' desapareceu foi: calça e camiza branca, contendo palitot de alpaca preta e botinas e chapéo de baéta cor de cinza e pequeng.

E' bem possível que queira passar como retirante e faça uzo da melhor roupa.

Quem o apprehender, e o levar n'esta villa ao seu senhor, o abaixo assignado; em Penedo ao dr. Carvalho Guimarães, em Maceió aos snrs. Felix Bandeira & C<sup>o</sup>. será bem recompensado.

Traipá, 11 de Maio de 1878.  
Julio Cesar de Mendonça Uchôa.

Fonte: *O liberal*, ed. 98. 21 de maio de 1878.

**FUGIRAM**

Fugio pertencente ao abaixo assignado, no dia 25 de Julho, do corrente anno, um moleque de nome Lucio, crioulo, com os signaes seguintes: 16 annos, cor fula, cheio do corpo, com todos os dentes, cabellos acabocados, porem crespos ou carapinhos, pés grandes, tendo os dedos grandes um pouco salientes e quando assenta os pés abre os dedos e parece ter uma unha ou ambas falhadas. Quando sahio levou o cabello cortado que deve inda estar baixo.

Presuma que dito moleque reunio-se aos retirantes que embarcarão para o Penedo e Piranhas.

Roga aos srs. encarregados das comissões dos retirados prestarem attenção a este annuncio affirm de ser preso o referido moleque.

Pede tambem a algum particular que queira interessar-se de precurar com empenho esto escravinho e conduzil-o para a qui que será compensado.

Fonte: *O liberal*, ed.197, 19 de setembro 1878.

Nos anúncios, encontramos novamente uma mesma ação apresentando características diferentes. Ao compararmos as idades (José Tiburcio com 30 anos e Lucio com apenas 16 anos), vemos que a faixa etária diferente não impediu que esses escravos buscassem a mesma alternativa de acesso à liberdade. Destacamos ainda o fator da aparência dos fugitivos. O anúncio de Lucio consta que o mesmo fugiu com o cabelo cortado, enquanto Tiburcio fugiu bem vestido, com paletó, calça, botinas e chapéu. É possível que o novo corte de cabelo e as boas roupas tenham sido usados como uma tentativa de disfarce para ajudar na fuga, em especial para Tiburcio, que, ao fugir calçado e bem apresentável, podia estar buscando esconder sua condição de escravo.

As fugas citadas, mais as de Lucrecia, que fugiu para Sergipe, e de Romão, que voltou para Penedo, têm uma semelhança: o Rio São Francisco como rota de fuga. Provavelmente, o rio foi uma porta de saída para a província sergipana. Os escravos que buscaram outras províncias talvez tenham relacionado à distância o fim do cativo. Entretanto, o destaque é a participação desses escravos em definir suas escolhas através da capacidade de leitura que tinham da escravidão.

### Adversidades e reinvenção - Conclusões

Essas fugas confirmam a dinâmica da escravidão na Alagoas imperial. A história dos fugitivos acontece sobre contextos variados, em que a mesma ação apresentava contornos diferentes. A vivência na escravidão requeria do cativo saber conviver com adversidades e



conseguir se reinventar. Ao analisar Recife, Carvalho chegou à conclusão que podemos ampliar para o contexto alagoano. Segundo o autor,

a bem da verdade, a situação demográfica, as condições políticas e econômicas da província eram desafios para os quais os escravos souberam apresentar respostas, exercendo uma série de estratégias de resistência cotidianas, adaptadas a realidade em que viviam<sup>37</sup>.

Como vimos, em Alagoas não foi diferente. As fugas no ano de 1878 são registros de histórias marcadas por particularidades, que aconteceram em meio a conflitos senhoriais, período de seca, corte de laços e busca de um cativo mais brando. Todas são ações em busca de um viver “em liberdade”, realizadas por homens e mulheres que não se renderam ao sistema e aproveitaram de suas frestas para agir. Podemos perceber que a escravidão não resultou apenas em castigos e violência, em que os escravos seriam sempre marginalizados, mas, ao contrário, desenvolveu grupos insubordinados e perspicazes que usaram dos valores senhoriais em seus propósitos.

Os fugitivos alagoanos agiram por todo o seu território. Atuantes e conscientes de sua realidade, não só conseguiram espaços a partir das lacunas que a escravidão ofereceu, como criaram esses ambientes de reação, assim revelando sua capacidade de se reinventar e sendo agente ativo de suas histórias. Não esqueçamos que nem todos os escravos buscaram a liberdade como ideal máximo de suas vidas, mas os que tentaram compõem um grupo que não se omitiu à escravidão. Temos na fuga em Alagoas mais uma forma de oferecer o respaldo necessário da participação dos escravos na construção de sua realidade, não sendo agentes sociais inertes que viviam esperando unicamente a vontade de seu senhor.

## Referências

**Arquivo Público de Alagoas:**

**Periódico:**

*O liberal 1878.*

## Livros e artigos publicados:

BEZERRA NETO, José Maia. Ousados e insubordinados: protesto e fugas de escravos na província do Grão-Pará – 1840/1860. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 02, p. 73-112, 2001.

---

<sup>37</sup> CARVALHO, op. cit., p.211.

CARVALHO, Marcus J. M. de. *Liberdade: rotinas e rupturas do escravismo no Recife, 1822-1850*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano I: As artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2005.

CHALHOUB, Sidney. *Visões da Liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

COSTA, Robson. *Vozes na Senzala: Cotidiano e resistência nas últimas décadas da escravidão, Olinda, 1871-1888*. Recife: ed. Universitária da UFPE, 2008.

DIÉGUES JUNIOR, Manuel. O banguê e o escravo negro. In: DIÉGUES JUNIOR, Manuel. *O banguê nas Alagoas: traços da influência do sistema econômico do engenho de açúcar na vida e na cultura regional*. 3ª. ed. Maceió: EDUFAL, 2006.

FARIAS, Juliana Barreto; MOREIRA, Carlos Eduardo; GOMES, Flávio; SOARES, Carlos Eugênio Líbano. *Cidades negras: africanos, crioulos e espaços urbanos no Brasil escravista do século XIX*. 2ª ed. São Paulo: Alameda, 2006.

PRIORE, Mary del. *História do Amor no Brasil*. I. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. (Org.) *Liberdade por um fio: história dos quilombolas no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

REIS, João José; SILVA, Eduardo. *Negociação e Conflito: A resistência escrava no Brasil escravista*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SANT'ANA, Moacir Medeiros de. *Braços livres e escravos*. In: *Contribuição à história do açúcar em Alagoas*. Recife: Instituto do açúcar e álcool e museu do açúcar, 1970.

\_\_\_\_\_. *História da imprensa em Alagoas (1831-1981)*. Maceió. Arquivo Público de Alagoas, 1987.

SILVA, W. J. G. da. *A busca de um novo destino: Os escravos e a conquista da liberdade na Alagoas provincial 1878-1880*. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2015.

THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.